

Em sua última fase, tão bela, tão jovem, tão equilibrada, Ivan Serpa descobriu a permanência do Brasil, a essência nacional que sobreviveu, sobrevive e sobreviverá a todas as dificuldades. Eis o que, a meu ver, significa a pintura amazônica de Ivan Serpa. Nela há um frescor inaugural, um lirismo irredutível, uma graça que nada consegue destruir. Ivan Serpa fala de nós, de nosso caráter nacional, de nossa teimosa e irredutível vocação de sobrevivência e de crescimento espiritual.

É o Brasil permanente que encontramos nesta exposição de Ivan Serpa. O tropicalismo dos verdes numerosos, a ingenuidade dos vários tons de rosa, a austeridade do roxo, a delicadeza das gradações cromáticas que se sucedem numa perfeita sabedoria artesanal - tudo isto é lançado no espaço pictórico com um extraordinário poder de organização e disciplina. Ivan Serpa nos revela - não o caos brasileiro - mas a ordem que está nascendo deste caos, a consciência que brota da terra virgem, sem traí-la, mas sem deixar de configurar-se como um grito domado.

Ivan Serpa toma da realidade brasileira a sua luxúria verde, a curva doce e rica do barroco que nos constitui, o lirismo que impregna as manifestações criativas de nossa arte popular e, de tudo isso, constrói as mandalas de sua fase nova, símbolos de maturidade pessoal e de afirmação nacional.